

## **Promovendo Educação em Saúde com adolescentes: estratégia didática e experiência discente**

**Promoting Health Education with adolescents: didactic strategy and student experience**

### **André Ribeiro de Castro Júnior**

Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, Universidade Estadual do Ceará.

E-mail: [andrecastorrcj@gmail.com](mailto:andrecastorrcj@gmail.com)

### **Maria Alice Oliveira**

Acadêmica de Enfermagem, Universidade Estadual do Ceará.

### **Maria Rocineide Ferreira da Silva**

Doutora em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará.

### **Resumo**

Objetivo: apresentar e debater uma estratégia didática, no bojo das metodologias ativas problematizadoras, e a correspondente experiência de aprendizagem na perspectiva dos facilitadores. Método: trata-se de um relato de experiência descrito por atores de um projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual do Ceará. Possui um olhar qualitativo que abordou a problemática desenhada a partir de métodos observacionais e descritivos. A vivência deu-se no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, no bairro Mondubim, na cidade de Fortaleza-Ceará, no período de março a novembro de 2018. Resultados: a experiência junto aos adolescentes demonstra a extensão universitária como alternativa para se buscar maneiras de interação, facilitando o alcance do estabelecimento de relação com os sujeitos. O reconhecer da saúde para além das intervenções biológicas potencializa a lógica das ações educativas como resolutivas a questões dos sujeitos ao mesmo tempo em que é emancipatória na dupla facilitador-sujeito. Nesse sentido, as dinâmicas empregadas nas oficinas permitiram a compreensão dos facilitadores sobre a construção de um processo educativo-participativo, estimulando os adolescentes a atuarem como sujeitos reflexivos e ativos na vivência ensino-aprendizagem. Conclusão: este estudo contribui para a ampliação dos conhecimentos sobre as potencialidades da educação para com o adolescente, demonstrando-as como ferramentas importante para possibilitar um cuidado do sujeito onde este toma para si

conhecimento, articulando saberes diversos para a melhoria de suas práticas. Vale ressaltar a percepção sobre a necessidade de implementação de estratégias educativas que se valham de metodologias participativas para incentivar a participação e a construção coletiva de saberes.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Educação em Saúde; Adolescente; Saúde do Adolescente; Comportamento do Adolescente.

### Abstract

Objective: to present and debate a didactic strategy, in the midst of active methodologies, problematizing and the corresponding learning experience, from the perspective of the facilitators. Method: Method: the case studies described by actors of an extension project linked to State University of Ceará. Has a quality look, which addressed the problems drawn from observational and descriptive methods. The experience was in the Urban Centre of culture, art, science and sport, in the Mondubim district, in the city of Fortaleza-Ceará. In the period from March to November 2018.

### Introdução

A adolescência configura-se como importante fase no desenvolvimento humano. Carregada de peculiaridades e interpretada, muitas vezes, como transição entre a criança e o adulto pleno, é marcada por crescimento físico acompanhado de alterações fisiológicas, psicológicas e sociais. A compreensão das demandas específicas desse público pode direcionar as estratégias e práticas de cuidado onde este sujeito se faça protagonista no processo de cuidar. Faz-se necessário que adolescentes se tornem agentes em sua mudança visando ao seu desenvolvimento e à

Results: the experience with adolescents demonstrates the University extension as alternatives to seek ways of interaction, facilitating the achievement of establishing relationship with the subject. The acknowledge of health beyond the biological interventions enhances the logic of educational activities as the issues subject to the Resolutive even if the double subject facilitator emancipatory, that feeling, the dynamics are employed in the workshops the understanding of the facilitators on the construction of an educational process-supportive, encouraging teenagers to act as reflective and active subjects in the teaching-learning experience. Conclusion: the present study contributes to the expansion of knowledge about the potential of education to-with the teenager, showing them as important tools to enable a subject's care, where this takes to you knowledge, articulating various knowledge to improve their practices. It is worth mentioning the perception about the need for implementation of educational strategies that are participatory methodologies, to encourage participation and collective construction of knowledge.

**Keywords:** Nursing; Health Education; Adolescent; Adolescent health; Adolescent Behavior.

efetividade do autocuidado para a promoção de sua saúde<sup>1</sup>.

Diante do contexto da necessidade de incorporação do adolescente em seu processo de cuidado, uma das estratégias que ganham espaço é a promoção da saúde. Tal conceito é debatido de forma interligada a um conjunto de valores como solidariedade, democracia, desenvolvimento, participação, parceria, qualidade de vida, dentre outros<sup>2,3</sup>.

Nessa perspectiva, trabalha-se com o

entendimento sobre a corresponsabilização das ações, comunidade, sistemas de saúde, além de ações individuais. Esse contexto está entrelaçado com a partilha de conhecimentos que nega uma lógica impositiva e reafirma um modo de produção libertário. Diante disso, é imprescindível repensar os modos de realização da educação em saúde, considerando todos os espaços e instituições sociais como campo para dar concretude às ações educativas<sup>4</sup>.

Neste trabalho, apresenta-se a extensão universitária como forma de adentrar ao território, considerando o diálogo como princípio fundamental capaz de extrapolar os muros da academia, em um movimento de educação em saúde protagonizada por sujeitos implicados, fortalecendo o vínculo ensino-serviço-comunidade. Os projetos de extensão apresentam-se, ao discente, como possibilidade de desenvolver habilidades sociais necessárias ao trabalho em saúde, permitindo o experienciar da proximidade com a realidade dos atores sociais e facilitando a compreensão do processo saúde/doença em suas múltiplas dimensões<sup>5</sup>.

O acadêmico de Enfermagem, que inicia seu processo de aprendizagem na perspectiva de cuidar das pessoas, tem como desafio o estabelecimento de vínculo e relação de empatia para com os sujeitos com os quais interage. Tal condição de aproximação com o público configura-se em uma etapa crucial para que se efetive a aprendizagem. Durante o

desenvolvimento das atividades com esse público, a empatia e o ganho da confiança deste podem determinar o alcance dos objetivos propostos<sup>7</sup>.

Já para o enfermeiro, significa saber-poder intervir nessa problemática, avançando das campanhas educativas, buscando parceiros como as escolas, associações de moradores, gestores, igrejas, enfim, integrando a rede social na qual os adolescentes estão inseridos a fim de prevenir ou até mesmo reduzir danos, mas também pensar em práticas de diálogo permanente com esses jovens<sup>6</sup>. Diante disso, a vivência tem como objetivo apresentar e debater uma estratégia didática, no bojo das metodologias ativas, e a correspondente experiência de aprendizagem na perspectiva dos facilitadores.

### Métodos

Trata-se de um relato de experiência descrito pelos autores, sendo estes discentes do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará e aluno do programa de Pós-Graduação em Enfermagem Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde - PPCCLIS, na oportunidade da participação de um projeto de extensão voltado à educação em saúde com adolescentes da periferia de Fortaleza (CE). Possui um olhar qualitativo que abordou a problemática desenhada a partir de métodos observacionais e descritivos. “O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre

uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica<sup>7,8,96</sup>.

A pesquisa narra a trajetória experienciada no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA), situado no bairro Mondubim, na cidade de Fortaleza (CE), no período de março a novembro de 2018. A pesquisa segue aprovada de acordo com a Resolução CEPE 3717. Os facilitadores (discentes de graduação e pós-graduação em Enfermagem) trabalharam em suas atividades com jovens que realizavam atividades proporcionadas no espaço CUCA, durante o período da tarde, tais como, dança, teatro, música ou até mesmo cursos profissionalizantes. As atividades desempenhadas pelos facilitadores tiveram o foco na construção de diálogos sobre temáticas comuns à fase da adolescência, trabalhando temas como mudanças corporais, gravidez na adolescência, sexualidade, IST e métodos contraceptivos, dentre outros.

Em geral, as atividades elaboradas pelos estudantes do curso de graduação e pós-graduação em Enfermagem contavam com três momentos distintos. Momento 1 - acolhimento: neste momento, os facilitadores (discentes) convidavam jovens ali presentes, de forma aleatória, a participar da oficina, em seguida, apresentando a estes a proposta da oficina e a temática trabalhada no dia. Acolher significa mobilizar afetos e esse momento diz respeito a um entrosamento, a um momento de descontração no qual haja a possibilidade de

aproximação dos participantes pelo toque ou por movimentos<sup>9</sup>.

Os adolescentes eram convidados a uma atividade de integração onde se realizava uma dinâmica de apresentação. O objetivo dessa atividade era “quebrar o gelo inicial” com um modo dinâmico de apresentação, acolhendo os jovens para os momentos seguintes da oficina. Após a atividade de integração, os adolescentes ali presentes acomodavam-se em círculo e era apresentada, pelos discentes de Enfermagem (facilitadores), a proposta da oficina de ideias.

A modalidade oficina é compreendida como a proposta de ensino-aprendizagem compartilhada, por meio de atividades grupais, as quais proporcionam, aos participantes, um ambiente acolhedor e aprendizagem estimulante visando à criatividade na busca de soluções. Diante disso, as oficinas permitem o estabelecimento de um espaço de reflexão e compartilhamento de saberes, construído em conjunto, com base nas vivências singulares, possibilitando a aprendizagem dos participantes<sup>7</sup>.

Momento 2: chuva de ideias/ideias – uma tempestade! A palavra ideia pode ser empregada como um objeto qualquer do pensamento humano, ou seja, como uma representação em geral. Essa atividade é concebida para incentivar a livre produção do pensamento, sem restrições nem limitações. Funciona como um mecanismo de indução que desenvolve, do ponto de vista pedagógico, uma

atitude interrogativa e reflexiva diante de um dado questionamento<sup>9</sup>.

Neste momento, os facilitadores se utilizavam de palavras geradoras relacionadas à temática em discussão. Tais palavras eram dispostas em forma de folhas coloridas ao chão para melhor exposição. Em seguida, os facilitadores solicitavam aos jovens que, ao visualizar as palavras, expressassem suas ideias acerca do tema. Os relatos foram diversos, conforme o entendimento pessoal de cada jovem. Constatou-se que essa atividade permitiu que os adolescentes tivessem contato com conceitos internalizados, aquilo que está no imaginário de cada um a respeito da adolescência e do adolescente como sujeito. Essa atividade é entendida como atividade de desafio e ou de reflexão<sup>3,9</sup>.

Os participantes (jovens) eram subdivididos em grupos e, com o auxílio de lápis de cera, cola, pincéis, revistas, tesouras e folhas de papel tipo pardo, representavam como entendiam a adolescência e as questões sobre mudanças corporais, sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. Esse momento tinha a duração de 50 minutos. Inicialmente, eles discutiam entre si sobre o que cada um acreditava ser a representação dessas temáticas para o adolescente e, logo após, buscavam uma forma de apresentação que atendesse às expectativas do grupo.

Para a finalização, o momento 3: os facilitadores estimulavam os adolescentes a debaterem e

emitirem suas opiniões acerca das produções dos colegas, competindo aos facilitadores o complemento, de forma sucinta e compreensível, sobre a temática abordada. Logo após, o grupo adolescente, junto aos facilitadores, elaborava uma síntese daquilo que havia sido discutido, o que os jovens pensam saber sobre a adolescência e as temáticas postas em cena, ideias que estavam no imaginário sobre a adolescência no que diz respeito a dúvidas e anseios sobre o quão consciente a descoberta desse período deve ser. O papel dos facilitadores, nesse momento, direciona o debate para o esclarecer das dúvidas surgentes, direcionando do assunto para as melhores práticas em saúde.

## Resultados

O desenvolvimento das oficinas e a divisão desta em três momentos distintos possibilitaram uma boa execução do projeto e o devido diálogo das temáticas estabelecidas. A acolhida e a dinâmica de apresentações atuaram como determinantes na aproximação e no entrosamento entre os facilitadores e adolescentes frequentadores da Rede CUCA, promovendo, assim, uma abertura no diálogo a questões referentes à adolescência e à saúde.

A proposta de se trabalhar temas “tabus” no formato de oficinas com a população adolescente, desenvolvendo ações de educação em saúde, apoia-se no pressuposto da promoção de saúde, buscando renovar/transformar as práticas educativas.

Tais transformações respaldam-se na compreensão da educação em saúde como potente ferramenta de promoção e proteção da saúde, negando a postura impositiva muitas vezes presenciada na relação educador-educando, assumindo práticas que consideram o saber de todos os sujeitos envolvidos, visando à redução de vulnerabilidades e de riscos de adoecer desses sujeitos e ampliando seu protagonismo no processo de cuidado e a capacidade crítico-reflexiva.

As atividades, sobretudo no início da execução, encontravam como dificuldade para os facilitadores a aproximação junto ao público jovem, sobretudo uma resistência ao elaborar respostas e colocar seus sentimentos. Os debates sobre temáticas, a exemplo da sexualidade, causaram, a este público jovem, muitos questionamentos e curiosidades ou até mesmo estranhamento de conceitos. Faz-se tal afirmativa tendo em vista a percepção de que os jovens se sentiram atraídos a participar das discussões e dinâmicas ofertadas no espaço da atividade proposta pelo projeto de extensão. No entanto, mesmo diante da oportunidade de dialogar sobre uma temática “comum a todos”, estes, muitas vezes, mantiveram-se alheios aos diálogos, evitando se colocar ou responder a dúvidas simples quando se referiam à sexualidade, evidenciando a forte construção de “tabu” sobre tal temática.

Diante da percepção sobre a necessidade do traçar de estratégias que permitissem a aproximação do facilitador junto à realidade

daquele público, as ações educativas em saúde foram planejadas e direcionadas para se adequar às experiências da população em tela, articulando dinâmicas que propiciassem a troca de saberes, considerando o que os sujeitos precisam e desejam saber para que se promova sua saúde e compreendendo, também, que este sujeito não se encontra alheio ao processo de execução e que seu saber faz parte da desconstrução de tabus e construção de saberes. Nesse sentido, a cada oficina, era passada uma caixa de sugestões onde os adolescentes escreviam, em um papel, temáticas passíveis de discussão, sendo sorteada, pelos facilitadores, a temática desejada para o encontro seguinte. Tal estratégia mantinha o interesse desses jovens em participar.

O processo de educação em saúde possibilitou, sobretudo, a comunicação com o adolescente. Em seu escopo, o processo educativo consistiu em uma relação dialógica, levando ao adolescente a possibilidade de realizar escolhas a partir de uma consciência crítica sobre suas ações. Para além disso, permitiu, aos facilitadores, o incorporar de informações sobre o que é possível realizar junto a esta população, possibilitando o perceber daqueles sujeitos em seus saberes, em seus espaços de fala e a capacidade de contribuir no processo de construção da educação em saúde. Vale destacar que, ao final de cada encontro, a síntese da discussão possibilitou o gerar de um produto físico, como cartazes, murais de desenhos e recortes, de acordo com cada

temática e de cada atividade proposta, na tentativa de tornar mais palpável aquele conhecimento construído em coletivo.

É essencial o desenvolvimento de ações educativas que envolvam temáticas relacionadas ao jovem e seu universo de transformações, por apresentar necessidades específicas, sendo assim indispensável a elaboração de estratégias para o cuidado que atendam às suas demandas<sup>10</sup>. As atividades e as reflexões puseram em exposição dúvidas, anseios, experiências e relatos pessoais como, também, o conhecimento prévio sobre as temáticas. Os jovens, após a aproximação, mostraram-se abertos às discussões e aos diálogos, reafirmando a importância da abordagem de temas que, segundo eles, pouco eram mencionados em seu cotidiano por ser considerados como “tabus” nos âmbitos familiar e escolar.

Vale ressaltar que a execução das atividades e o vivenciar da reconstrução de saberes junto aos jovens possibilitaram, aos facilitadores, o abandono de uma visão cristalizada sobre o sujeito adolescente, visão estereotipada sobre o “adolescente problema”, ampliando a percepção da valia dos seus saberes e vivências na construção de seu cuidado. Para profissionais e futuros profissionais, perceberem o outro em seu contexto, em suas necessidades e potencialidades possibilita aprimorar suas práticas e reafirmar a educação em saúde como potencializadora da promoção de saúde.

Pode-se afirmar que, no desenvolvimento das oficinas, foram criados espaços dialógicos com os adolescentes, já que estes tiveram a oportunidade de manifestar suas opiniões e pensamentos sobre os temas abordados, ao mesmo tempo em que refletiram sobre o exposto, o que propiciou a obtenção e a troca de conhecimentos de acordo com as necessidades oriundas da realidade em que estão inseridos, uma produção viva em ato.

### Discussão

A vivência junto aos adolescentes demonstra a extensão universitária como alternativa para se buscar “maneiras de interação” com este grupo, facilitando o alcance desse sujeito. As atividades realizadas no espaço do CUCA possibilitam inseri-los nesse contexto, além de um novo cenário fonte de atividades educativas, tendo o enfermeiro como educador.

Em síntese, evidenciou-se, com a atividade, que a tarefa de construir, por meio da educação, novos conhecimentos nos dias atuais constitui um desafio, mas que saberes prévios acumulados pelos corpos juvenis não podem ser negados em uma situação de aprendizagem como esta vivenciada. Durante a vivência de facilitação das oficinas, compartilhada entre acadêmicos e profissionais, tornou-se possível observar a abertura para o diálogo entre facilitador-sujeito adolescente e a preocupação por parte dos jovens em aprender a direcionar suas práticas de modo consciente e responsável, sendo as perguntas e afirmações

ali geradas produtos desse movimento. Para os facilitadores, a ação demonstra o desvelar de um olhar mais ampliado para as necessidades do adolescente e, sobretudo, as possibilidades de ações do enfermeiro como educador.

A autonomia do sujeito é o princípio da educação em saúde na qual o espaço onde profissional/facilitador é tido como detentor do conhecimento e o sujeito é considerado tábula rasa sem conhecimentos prévios já não está mais em evidência<sup>11</sup>. A atividade que foi ao encontro dessa lógica vertical evidenciou o quanto é importante a interação entre facilitador e sujeito, não impondo regras, mas ofertando a possibilidade de o sujeito-jovem direcionar de forma positiva suas práticas.

Um dos princípios básicos para o sucesso das ações é o acesso a condições de baixa exigência como uma alternativa para abordagens tradicionais, facilitando o contato entre os profissionais de saúde e o público envolvido, sobretudo quando esta estratégia se faz com o jovem. Por meio de ações educativas, o (a) enfermeiro (a) torna-se facilitador da remoção de barreiras entre o sujeito e seu processo de cuidar, minimizando sua resistência e possibilitando sua ação ativa no processo de cuidar<sup>12</sup>.

Questões foram respondidas, novas dúvidas e alguns tabus conseguiram ser debatidos, com a intensidade do momento de vida em que se encontram, de modo objetivo e sincero para com os adolescentes, conseguindo a partilha e apreensão de informações dentre esses e para

com seus pares. A experiência demonstra que ainda se tem um longo caminho a percorrer, tabus e mitos a confrontar, mas se pensa que todo jovem tem o direito de ser orientado dentro do que é culturalmente referenciado a cultura local sobre sua sexualidade e esta deve começar no próprio lar, se estender à escola e a todas as instituições que façam parte da sociedade, em especial, às instituições da área da saúde<sup>13</sup>.

As ações educativas puderam ser percebidas como um fazer pedagógico emancipatório, possibilitando o desenvolvimento e a autonomia do sujeito-jovem, tendo assim maior aproximação com este adolescente, ao mesmo tempo em que, para os facilitadores, permitiram a compreensão sobre o universo jovem e suas peculiaridades<sup>14</sup>. O reconhecer da saúde para além das intervenções biológicas potencializa a lógica das ações educativas como resolutivas a questões dos sujeitos ao mesmo tempo em que se torna emancipatória na dupla facilitador-sujeito. Destitui, desses sujeitos, um papel de passivos e os recoloca em cena como ativistas de práticas que os levaram ao cuidado consigo.

As ações de educação em saúde, portanto, não se embasaram em “fórmulas prontas” sobre o que se deve empregar como conhecimento. Trataram de estimular os sujeitos a buscar auxílio quando há necessidade e demandas foram evidenciadas. Com a atividade proposta em oficinas, favorece-se a aproximação com esses adolescentes, considerando as particularidades de cada grupo, bem como com

o entorno social no qual estão inseridos. Nesse contexto, é destaque o enfermeiro como profissional atuante nas ações junto aos adolescentes por meio da educação em saúde, visto que se defende que o profissional responsável pela realização destas atividades deve ser capacitado com qualidade formal e política, além de contar com conhecimento técnico-científico e dinamicidade<sup>15</sup>.

As dinâmicas empregadas nas oficinas permitiram a compreensão, por parte dos facilitadores, sobre a construção de um processo educativo-participativo, estimulando os adolescentes a atuar como sujeitos reflexivos e ativos na vivência ensino-aprendizagem e não como meros espectadores. Tal construção possibilita, também, aos facilitadores, a apropriação de um modelo de educação dialógica, reflexiva, que compreende o sujeito como autor de sua história, permitindo, assim, crescimento mútuo entre facilitador e público, fugindo ao modelo verticalizado de transmissão de conhecimento.

### Considerações finais

Este estudo contribui para a ampliação dos conhecimentos sobre as potencialidades da educação em saúde voltada ao adolescente. Configurou-se na oportunidade de reflexão e discussão, expandindo o campo de conhecimento de acadêmicos e enfermeiros

sobre temáticas relacionadas ao público jovem. Sobretudo, proporcionou, aos facilitadores, a compreensão sobre as potencialidades das ações educativas, demonstrando-as como ferramentas importante para possibilitar um cuidado onde o sujeito se empodera de conhecimento, articulando saberes diversos para a melhoria de suas práticas. Tornou-se possível, para profissionais e acadêmicos de Enfermagem, abandonar o olhar cristalizado sobre a figura do “adolescente problema” e perceber seus saberes como indispensáveis ao processo de cuidar.

Vale ressaltar a percepção sobre a necessidade de implementação de estratégias educativas que se valham de metodologias participativas, como as oficinas, para incentivar a participação e a construção coletiva de saberes, por parte dos adolescentes, de forma que possam ter um olhar mais reflexivo sobre suas práticas, suas vidas, tornando-se, cada vez mais, potentes para buscar seu autoconhecimento, ter forças para enfrentar os desafios das descobertas com maior capacidade de tomar decisões e fazer escolhas, inclusive, sobre esses temas tabus. Salienta-se que as atividades educativas não visam a contemplar todos os assuntos e fragilidades encontradas, mas se constituem como um dispositivo importante no direcionar de boas práticas desses jovens, proporcionando, ao enfermeiro, a compreensão da necessidade de suas ações.

## Referências

- <sup>1</sup> Costa RF. et al. Redes de apoio ao adolescente no contexto do cuidado à saúde: interface entre saúde, família e educação. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2015;49(5):741-747.
- <sup>2</sup> Rozemberg L, et al. "Resiliência, gênero e família na adolescência." *CienSaude Colet*. 2014;19(3):673-684.
- <sup>3</sup> Gomes AM. et al. Refletindo sobre as práticas de educação em saúde com crianças e adolescentes no espaço escolar: um relato de extensão. *Revista Conexão UEPG*. 2015;1(3)332-341.
- <sup>4</sup> Guerin CS. et al. Promovendo educação em saúde no espaço não formal de aprendizagem. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. 2017;30(1):5-12.
- <sup>5</sup> Oliveira FLB, Almeida JJJ. Motivações de acadêmicos de enfermagem atuantes em projetos de extensão universitária: a experiência da Faculdade Ciências da Saúde do Trairí/UFRN. *Revista Espaço Para a Saúde*. 2015;16(1):36-44.
- <sup>6</sup> Rocha SF, et al. Sexualidade na adolescência: dialogando e construindo saberes através do pet saúde/redes de atenção no município de Sobral – Ceará. *SANARE-Revista de Políticas Públicas*. 2014;13(1):121-32.
- <sup>7</sup> Carneiro RF, et. al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar, Sobral. 2015;14(01):104-108.
- <sup>8</sup> Cavalcante BLL, Lima UTS. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *J. Nurse Health, Pelotas (RS)* 2012;1(2):94-103.
- <sup>9</sup> Sobral V, Tavares CM, Silveira MF. Acolhimento como instrumento terapêutico. In: Santos I, editor. *Enfermagem assistencial no ambiente hospitalar: realidade, questões e soluções*. São Paulo: Atheneu; 2014. p. 65-70.
- <sup>10</sup> Magalhães JM, Monteiro CFS, Figueiredo MLF. Concepção de adolescentes sobre a prevenção do uso de crack. *Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental*. Rio de Janeiro. 2013;5(6):28-35.
- <sup>11</sup> Pinto AC., Scopacasa LF., Bezerra LLDAL., Pedrosa JV., & da Costa Pinheiro PN. Uso de tecnologias da informação e comunicação na educação em saúde de adolescentes: revisão integrativa. *Revista de enfermagem UFPE*. Recife. 2017;11(2):634-644.
- <sup>12</sup> Balduino LS., Silva SMN, Ribeiro AMN., N et al., Educação em saúde para adolescentes no contexto escolar: um relato de experiência. *Rev. enferm UFPE, Recife*. 2017;12(4):1161-7.
- <sup>13</sup> Brandão MGSA., al. Ultrapassando os muros da universidade: a monitoria acadêmica como ferramenta de educação em saúde. *Raízes e Rumos*. 2018;5(2):151-159.
- <sup>14</sup> Leite CT, et al. Prática de educação em saúde percebida por escolares. *Cogitare Enfermagem*. Curitiba. 2014;19(1):13-19.
- <sup>15</sup> Piccin C., et al. Projeto adolescer: promovendo educação em saúde com adolescentes de uma escola municipal de Santa Maria. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*. 2017;6(2)161-168.

**Submissão: 06/01/2018**

**Aceite: 10/08/2019**